

Darcy Ribeiro: uma interpretação evolucionista da América Latina

Darcy Ribeiro: an evolutionist interpretation of Latin America

Rafael Gomes Nogueira Pereira

Mestrando em História

Universidade Federal de Goiás

rafaelgnp@gmail.com

Recebido em: 07/07/2019

Aceito em: 29/09/2019

Resumo: O presente artigo discorre sobre a visão de mundo evolucionista de Darcy Ribeiro, desenvolvida como uma forma de compreender a realidade latino-americana. O antropólogo teve como horizonte a tentativa de desvendar os motivos que levaram as sociedades latino-americanas a uma situação de atraso e penúria. Para construir sua explicação, Ribeiro recorre ao evolucionismo sociocultural para conceber uma teoria global do desenvolvimento das sociedades humanas, pensando como a América Latina se insere nesse desenvolvimento histórico.

Palavras-Chave: Darcy Ribeiro; visão de mundo evolucionista; América Latina.

Abstract: This article discusses Darcy Ribeiro's evolutionist perspective developed as a way to understand Latin American reality. The anthropologist tries to unravel the reasons that led Latin American societies to a context of delay and shortage. To build his argument, Ribeiro resorts to sociocultural evolutionism to conceive a global theory of human societies' development thinking how Latin America forms part of this historical development.

Key words: Darcy Ribeiro; evolutionist perspective; Latin America.

Introdução

Darcy Ribeiro consagrou-se como um proeminente intelectual na cultura brasileira do século XX. Seja por sua contribuição ao campo antropológico, seja pela sua atuação política, seu nome integra-se ao conjunto de pensadores e atores sociais que tentaram compreender, discutir e transformar o Brasil. O presente artigo busca apresentar a visão de mundo de Darcy Ribeiro naquilo que concerne a sua interpretação sobre a formação das sociedades latino-americanas. Tentaremos, através do conceito de “visão de mundo” de Lucien Goldmann, demonstrar que Ribeiro desenvolveu um estudo sistemático sobre as sociedades latino-americanas, buscando compreender as razões de nosso atraso no contexto do sistema capitalista. De antemão, podemos afirmar que, para Ribeiro, “atraso” é definido como a situação política, social e econômica, presente

nos países expropriados ao longo do processo de colonização, iniciado a partir do século XVI. Ao serem submetidas ao domínio europeu, estas nações não conseguiram ingressar plenamente na modernidade capitalista, tornando-se a retaguarda no desenvolvimento econômico global. Para formular sua teoria, Ribeiro propõe uma abordagem evolucionista das sociedades humanas, centrada no avanço tecnológico.

Lucien Goldmann define “visão de mundo” como uma interpretação da realidade que se fundamenta por perspectivas teóricas e sociais de diferentes campos, formando um quadro de compreensão que busca abarcar a totalidade de um fenômeno (GOLDMANN, 1978). No caso em questão, a visão de mundo de Ribeiro fundamenta-se sobre o seguinte pilar: quais razões legaram à América Latina o atraso, retrocesso e dificuldade de acompanhar o desenvolvimento do capitalismo industrial? Na busca de respostas, o antropólogo elabora seu estudo sobre a formação dos países latino-americanos, realizando uma análise de cunho histórico que insere a América Latina em um contexto global da evolução das sociedades humanas. Como pontua Mércio Pereira Gomes (2000), Darcy desenvolveu uma atualização da teoria da evolução cultural, buscando explicar o desenvolvimento social a partir de escalas evolutivas movidas pelo desenvolvimento tecnológico. Buscaremos discorrer sobre a elaboração de sua teoria evolucionista aplicada ao desenvolvimento das sociedades latino-americanas, concentrando-nos em demonstrar as razões do atraso dessa região quando comparada a outras.

Com essas considerações iniciais, o artigo será guiado pelas seguintes linhas analíticas: primeiramente, definiremos os espaços institucionais pelos quais passou o “jovem Darcy” em formação, tentando levantar as referências teóricas que iniciaram sua vida intelectual. Portanto, a essa altura, buscaremos analisar as principais influências durante sua formação primária e, posteriormente, universitária, destacando a modelagem do pensamento de Ribeiro; em um segundo momento, abordaremos como sua visão de mundo foi construída na tentativa de compreender os motivos do atraso latente dos latino-americanos, propondo uma interpretação histórica. Por último, ressaltaremos que sua interpretação evolucionista acerca do desenvolvimento das sociedades latino-americanas está contida em grande medida no livro *O Processo Civilizatório*, mas encontra eco em outras publicações que também aparecem em nosso texto¹.

1 A extrema relevância desse livro e o motivo de nossa escolha como obra principal é levantada por Gomes (2000, p. 76). *O Processo civilizatório* é a obra de Ribeiro que melhor expressa sua elaboração do Evolucionismo Sociocultural. Em nossa argumentação recorreremos com frequência a essa obra, mas, sempre que necessário, fazendo uso de outros livros que corroboraram para nossa linha de pensamento.

A autora Helena Bomeny (2001, p. 25) nos lembra que o antropólogo possuía uma “sedução” pela saída salvacionista, pensando em uma possibilidade de avanço e progresso social para salvar as nações atrasadas². Assim, analisaremos a construção da visão de mundo de Ribeiro no que concerne a sua interpretação sobre o atraso das sociedades latinas, ressaltando sua apropriação do evolucionismo sociocultural na elaboração de suas obras e a saída por ele vislumbrada para esse quadro de retrocesso.

Darcy Ribeiro: esboço de uma trajetória

Nascido em 1922, na cidade de Montes Claros, Darcy Ribeiro era filho de um garimpeiro e lavrador, Reginaldo Ribeiro dos Santos, e de uma professora de jovens adultos, Josefina Augusta da Silva Ribeiro, conhecida como “Dona Fininha”. Advindo de uma família de tradição rural, a infância de Darcy encontrou limites, tanto estruturais, quanto geográficos, para fornecer ao futuro antropólogo condições de estudos ideais para seu desenvolvimento intelectual. Contudo, duas personagens se apresentaram ao jovem rapaz como essenciais para uma mudança de perspectiva: sua mãe, Dona Fininha, e seu tio, Doutor Plínio Ribeiro, médico de formação.

Da primeira, ele herdou os vestígios de sua dedicação aos estudos e, mais adiante, seu alinhamento com as causas educacionais. Professora de alunos com idade avançada, a mãe do jovem garoto tinha a tarefa de alfabetizar alunos de mais de 75 anos. Acompanhando as lições ensinadas por sua mãe, Darcy – que àquela altura se encontrava com quase uma década de vida - auxiliava os alunos no ato da escrita e da alfabetização, ajudando, quando necessário, os senhores e senhoras que frequentavam a classe a segurarem o lápis. Tal esforço levou o jovem rapaz a descobrir o valor da educação, sua capacidade de mudar vidas e, mais do que isso, ajudou-o a despertar sua condição de intelectual. Como aponta André Lopes Mattos acerca desse período,

Darcy situa mais ou menos na mesma época o despertar de sua própria condição intelectual, ainda que, nos primeiros anos da década de 30, com alguns poucos milhares de habitantes, Montes Claros não pudesse oferecer muito a quem quer que tivesse alguma pretensão no mundo das letras (MATTOS, 2007, p. 20).

Nota-se, pela narrativa acima, que as aulas de sua mãe contribuíram para despertar sua atenção para uma vida de reflexão e estudo. O que, todavia, Darcy fez para aprofundar-se na vida

2 A autora ressalta essa perspectiva para o caso brasileiro. Segundo Bomeny, Darcy Ribeiro se tornou um intérprete do Brasil, tentando construir um “olhar positivo da cultura brasileira” (2001, p. 58). Contudo, defendemos que esse espírito transformador também foi aplicado a suas discussões sobre a formação latino-americana.

intelectual descortinada naquela ocasião? A essa altura, surge a segunda personagem citada anteriormente, Plínio Ribeiro. Seu tio, médico de renome, era considerado o principal intelectual da cidade, possuidor de uma biblioteca com exemplares dos maiores nomes da literatura ocidental. Foi nesse espaço que Darcy entrou em contato com o mundo das letras; frequentador assíduo da biblioteca do “Tio Plínio”, ele leu, entre outros autores, Alexandre Dumas, Victor Hugo, Augusto dos Anjos e Vargas Vilas (MATTOS, 2007, p. 21). As janelas de possibilidades abertas pelos livros colocados à disposição por seu tio foram os mecanismos encontrados por ele para ultrapassar certos limites impostos por Montes Claros e, mais importante, foram a estrada pela qual ingressou na vida intelectual, abandonando de vez a possibilidade de se tornar herdeiro das terras paternas. Observa-se:

Mas, sobre o contato com o mundo “exterior”, é preciso, ainda, destacar, em sua retrospectiva, a presença de seu tio, Plínio Ribeiro, médico, “principal intelectual da cidade”, cuja influência contribui para Darcy tornar-se, de fato, intelectual, livrando-se da possibilidade de tornar-se herdeiro de terras da família paterna, destino promissor para um descendente de importantes fazendeiros da região (MATTOS, 2007, p. 21).

Darcy, já no início de sua adolescência, cumpria um dos requisitos iniciais para a vida reflexiva: a partir da leitura das obras literárias encontradas na biblioteca de seu tio, toma para si a perspectiva de que a vida humana, em sua existência social, se fundamenta em relações múltiplas e complexas. As páginas consumidas na juventude alimentaram sua paixão pelas letras clássicas e a necessidade de um conhecimento multifacetado da realidade humana. Somando-se a isso, sua passagem pelo PCB o ensinou a necessidade de se mobilizar teorias dos mais diversos campos para a transformação da realidade social.

Ribeiro assume a multiplicidade e complexidade do real, o que o leva ao longo desenvolvimento de sua explicação contida no livro, à mobilização de diversas áreas do saber para, ao final, tentar formular uma interpretação com coerência teórica. Ao admitir a necessidade de mobilizar as mais variadas disciplinas, análises e explicações, ele agrega sínteses contraditórias para tentar responder à indagação que o movia. Como Goldmann destaca, o intelectual agrega explicações variadas e advindas de diversos locais, pois assume a complexidade da realidade:

O homem de ciência, porém, deve compreender ao máximo a realidade; é o único critério legítimo para julgar o valor de sua obra. Se, para obter esse resultado, deve constar uma totalidade de fatos cuja a soma não é compreensível por *qualquer* das visões de mundo existentes [...] (GOLDMANN, 1978, p. 48).

A leitura dessas obras despertou-lhe o interesse pelas letras, pelo estudo e pela política. O caminho das letras se iniciara; a realidade, até então fechada no “sertão” mineiro, abriu-se a partir das linhas dos gênios ancestrais. Contudo, faltava ainda uma matriz teórica que servisse como um escopo de análise. Essa foi adquirida nos tempos em que passou na capital mineira, frequentando a universidade. Em seu ingresso no mundo acadêmico, Ribeiro teve contato com o melhor do pensamento social americano, marcado pelo rigor metodológico e pelo trabalho etnológico. Além disso, foi o momento em que teve contato com o debate travado sobre o evolucionismo sociocultural e a oportunidade de realizar pesquisas de campo através do Serviço de Proteção aos Índios.

Da formação universitária à constituição de uma visão de mundo

Aos 17 anos, em 1939, Darcy deixa Montes Claros em direção a Belo Horizonte. Naquela altura, as opções para seguir uma vida intelectual eram limitadas; isso, pois, as universidades na década de 40 ainda não possuíam a hegemonia que encontrariam posteriormente (BELLUCCO, 2015). No momento em que Darcy buscava a expansão dos seus horizontes intelectuais, as universidades ainda estavam em processo de consolidação de seus aspectos institucionais básicos, não tendo a preponderância nas discussões intelectuais que encontrou nos anos seguintes.

Como o espaço acadêmico estava ainda em desenvolvimento, as discussões teóricas e culturais encontravam eco em vários outros espaços. Vários intelectuais encontraram um ambiente de reflexão em cafés, bares, sindicatos e partidos políticos, participando de um ambiente cultural que não era restrito aos muros universitários. A figura do “intelectual público”, descrita por Russel Jacoby (1990), nos permite compreender quem foi Darcy Ribeiro ao longo de sua trajetória intelectual. Para além das instituições formais, sua formação perpassou por uma intensa leitura de obras literárias e discussões políticas no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Foi pela literatura e pela bibliografia marxista lida nos anos de PCB que Darcy encontrou os pontos de partida no seu edifício intelectual³.

3 Darcy Ribeiro demonstrou sua capacidade literária em diversos textos, principalmente por meio de seus romances. A capacidade estética de Ribeiro é demonstrada no livro *O Povo Brasileiro* (2015c), que elabora sua argumentação de um modo ensaístico. A opção pelo ensaio é feita como uma forma de elaboração teórica que fugisse das citações e dos elementos técnicos de um texto mais acadêmico.

Contudo, pela necessidade de se ver livre da obrigação de dar continuidade ao legado de seu pai no interior de Minas Gerais e por influência de Plínio Ribeiro, opta por ingressar na Faculdade de Medicina, situada na capital mineira:

Tinha planos de ser médico [...]. Por vontade de sua mãe e também pela influência de seu tio Plínio. “Para mim”, escreveu ele, “ser médico era vestir meu tio, o Doutor Plínio: rico, refinado, lido, informado. O homem mais culto da cidade”. Para tanto, matriculou-se no curso preparatório da Faculdade de Medicina na capital mineira (MATTOS, 2007, p. 23-24).

Ribeiro entra na universidade com o intuito de se formar médico; contudo, a Faculdade de Filosofia, também situada em Belo Horizonte, oferecia cursos aos estudantes de outros departamentos. A partir de então, o futuro antropólogo se encantou por aquilo que chamava “fenômenos humanos vivos” (RIBEIRO, 2000)⁴. Quanto mais aprofundava seus estudos em filosofia e literatura, mais distanciava-se do campo médico. Como consequência, o herdeiro de Plínio abandona a Medicina e passa a se dedicar exclusivamente à leitura e à reflexão. Darcy não concentrou toda sua formação na universidade, expandindo-a por todo o ambiente cultural fornecido por São Paulo. Seguindo o pensamento Jacoby, o antropólogo brasileiro se formou como um intelectual público, como um indivíduo que escreve para “uma audiência educada e não especializada” (JACOBY, 1990, p. 18). Uma de suas principais facetas foi a busca por um diálogo aberto com a sociedade, integrando o povo às discussões mais profundas sobre o Brasil e a América Latina. Sua crítica aos intelectuais e ao academicismo das décadas que se seguiram⁵ se concentra no enclausuramento do saber e em discussões que impediam a verdadeira compreensão da sociedade brasileira (BOMENY, 2001, p. 200).

O contexto geral das décadas de 1940 e 1950, ou seja, o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, intensificou as discussões em torno da conjuntura política global, dando destaque para o papel do Brasil nesse quadro turbulento. É nesse ambiente que Darcy se insere: um jovem estudante que, até certo ponto, cumpria suas obrigações universitárias, mas, nas horas livres, dedicava-se à militância e à discussão política. Agora, longe do curso de Medicina, ele poderia

4 Com essa expressão, Ribeiro faz referência às áreas do saber que estudam os indivíduos, as sociedades e os elementos simbólicos por eles formados. Ou seja, a terminologia pode ser aproximada ao que Goldmann chama de “ciências humanas”, que, em sua definição, são os saberes responsáveis por estudar os fenômenos sociais em suas múltiplas perspectivas (GOLDMANN, 1978, p. 17).

5 Darcy Ribeiro, nos anos de 1980, tornou públicas suas críticas à universidade brasileira. Um dos principais pontos debatidos por Ribeiro é o distanciamento entre a universidade e o povo, marcando uma ruptura

passar a maior parte do tempo com os integrantes do PCB e também com os colegas mineiros do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Mattos ressalta que:

[...] sua narrativa deixa transparecer que três anos em Belo Horizonte haviam transfigurado sua vida, colocando-o a par de todo o contexto mundial, aproximando-o do pensamento comunista e, por conseguinte, tornando ainda mais forte os contornos de outra de suas peles: a de político (MATTOS, 2007, p. 24).

A sua estadia em Belo Horizonte deixou um legado que pode ser dividido em três partes: a chance de aprofundar seus estudos filosóficos e literários, o contato com uma ampla bibliografia marxista na época do DCE e do PCB e a chance de iniciar suas reflexões em torno dos problemas concernentes à realidade brasileira. Darcy encontrou a oportunidade de se dedicar, em nível universitário, ao estudo da Sociologia e da Antropologia. Em uma das reuniões do Diretório, o jovem mineiro encontra a figura de Donald Pierson, responsável por oferecer uma bolsa de estudos na recém-fundada Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP)⁶. Assim, no início dos anos 40, “Estava decidido: o jovem estudante de medicina queria virar cientista social em São Paulo” (MATTOS, 2007, p. 25). Ele abandona Minas Gerais e vai em direção à capital paulista.

O jovem estudante, agora já vinculado institucionalmente ao campo das Ciências Sociais na ELSP, chega em um momento particular. A recém-criada universidade, assim como sua colega USP, foi projetada com o intuito de compreender as transformações sociais que vinham ocorrendo desde os anos de 1930. Para isso, ambas as instituições foram idealizadas como um espaço de profissionalização e formação universitária. Nota-se que

A criação, na década de 1930, das duas principais instituições voltadas para o ensino das ciências sociais havia ocorrido para a consolidação do modelo sociológico profissional, com a formação acadêmica institucionalizada e voltada para as pesquisas empíricas, nesse último caso particularmente na ELSP, já que o modelo implantado na FFLCH era predominantemente focado na docência e nas preocupações de cunho teórico e especulativo (MATTOS, 2007, p. 50).

Para a consolidação dos estudos sociológicos como um campo profissionalizado e institucionalizado, as duas instituições importaram pesquisadores de renome (MICELI, 2001). No caso da ELSP, espaço de formação de Darcy, duas figuras se destacaram de longe: Donald Pierson,

6 A ELSP foi fundada em São Paulo, no ano de 1933. Assim como a Universidade de São Paulo (USP), fundada em 1934, ambas as instituições eram voltadas para a compreensão das transformações sociais, políticas e econômicas, pelas quais a realidade brasileira vinha passando. Tudo isso como consequência do movimento de modernização promovido pelo governo de Getúlio Vargas. Para mais, ver Bellucco (2015).

associado à Escola Sociológica de Chicago⁷, e Herbert Baldus, etnólogo alemão, figuras proeminentes no panorama sociológico e que encontraram no Brasil um espaço de pesquisas empíricas de uma grandiosa riqueza.

O valor que é dado ao processo de sistematização das pesquisas realizadas em campo é perceptível na obra *O Processo Civilizatório*, em que o antropólogo deixa clara a necessidade de junção entre análises empíricas e elaborações teóricas (RIBEIRO, 2000, p. 8). Ao longo de toda sua vida, ele somou o estudo de caso com a elaboração de um modelo explicativo, como contido em suas obras subsequentes. Nota-se:

Saí, então, em busca de explicações mais terra a terra, em mais anos de trabalho. O tema que me propunha agora era reconstruir o processo de formação dos povos americanos, num esforço para explicar as causas do seu desenvolvimento desigual. Salto, assim, da escala de 10 mil anos da história geral para quinhentos anos da história americana [...] (RIBEIRO, 2015c, p. 13).

Outra herança legada pela ELSP foi sua inclinação à etnologia. Sua aproximação com Baldus levou-o, na década de 40, a se dedicar ao estudo dos povos indígenas⁸. Associado a isso, Ribeiro concluiu sua formação com uma tese em etnologia, consolidando-se como um dos pioneiros nas pesquisas entre índios no Brasil (MATTOS, 2007, p. 61). Após seu período na ELSP, o recém-formado cientista social recebe, por intervenção de Baldus, um convite para trabalhar no Serviço de Proteção aos Índios (SPI)⁹. Nessa instituição, encontrou espaço para a realização de intensas pesquisas, aliando o estudo teórico à prática social:

O etnólogo Darcy fez pesquisas de campo diretamente com mais de uma dezena de povos indígenas, entre eles os kaiowá-guarani, terena, ofayé-xavate, kadiwéu, xokleng, kaingang, bororo, tembé, guajajara, krêjê e urubu-ka', e estudou as práticas culturais e tantos outros grupos (GOMES, 2000, p. 61)

7 De modo geral, a Escola Sociológica de Chicago foi um grupo de professores norte-americanos que, no século XX, desenvolveu trabalhos de cunho etnográfico em torno dos problemas enfrentados pelos principais centros urbanos nos Estados Unidos. Esse grupo de estudiosos ficou conhecido pela reivindicação do rigor em torno das pesquisas teóricas, da sistematização e de uma ampla discussão teórica. O presente artigo não dispõe das condições necessárias para uma discussão aprofundada em torno do tema. Caso seja do interesse do leitor, sugerimos a leitura dos trabalhos de Howard Becker.

8 Darcy Ribeiro escreveu diversos ensaios sobre os povos indígenas. Entre eles, o mais repercutido foi seu estudo sobre os índios Kadiwéu, localizados no Mato Grosso do Sul.

9 Além dos trabalhos realizados entre os anos de 1947 e 1956 no SPI, Darcy ainda se destacou pela criação do Museu do Índio (1953), a justificativa da existência do Parque Nacional do Xingu - escrita junto com Eduardo Galvão- e a criação do curso de Aperfeiçoamento em Antropologia Cultural (CAAC), realizado no próprio Museu do Índio (1955). A intenção era garantir o desenvolvimento de pesquisas de campo e produção científica sobre o modo de vida das etnias indígenas que aqui habitavam. Para mais, ver Gomes (2000).

Seus extensos trabalhos sobre etnologia encontraram o momento de profissionalização nos anos de SPI (GOMES, 2000, p. 24). O contato de Ribeiro com os “povos nativos” levaram-no a chegar ao problema central de seus estudos: o dilema do atraso dos países colonizados por Portugal e Espanha. Todos os seus escritos, desde as monografias etnológicas até seu livro *Confissões* (1997) – uma autobiografia escrita em seus últimos meses de vida – convergem para a tese que problematiza a formação das nações fruto da colonização ibérica. Seus estudos sobre os índios, realizados no tempo que passou no SPI, levaram Darcy a refletir sobre como seus modos de vida se modificaram tanto ao longo dos séculos. Esse elemento originário, quando em contato com os europeus, levou-nos a percorrer uma trajetória histórica altamente divergente das nações europeias. O antropólogo definiu a formação sociocultural da América Latina a partir do contato do elemento originário, as etnias indígenas, com o elemento colonizador ibérico; contudo, como, a partir desse contato entre povos indígenas e europeus, desenvolveu-se a condição latino-americana de atraso? Para entender essa relação, é necessário compreender a corrente teórica da qual parte Ribeiro para compor sua análise, como será exposto no tópico a seguir.

O Evolucionismo no pensamento de Darcy Ribeiro

Na introdução do livro *O Processo Civilizatório*, lemos:

Com o objetivo de contribuir para superar essa carência - que ultrapassa, evidentemente, a capacidade de uma só pessoa - é que nos propusemos a elaborar uma reformulação preliminar das concepções da evolução sociocultural, para servir de base aos nossos estudos sobre o processo de formação étnica e sobre os problemas de desenvolvimento com que se defrontam os povos americanos (RIBEIRO, 2000, p. 2).

Mais adiante, continua Ribeiro:

Nosso esforço consistirá, principalmente, em sistematizar os esquemas faseológicos e os princípios dinâmicos da evolução sociocultural, formulados nos estudos clássicos e modernos. A isso acrescentaremos um corpo de conceitos analíticos novos (RIBEIRO, 2000, p. 5).

Os trechos deixam nítida a utilização que o antropólogo faz da perspectiva evolucionária, uma escola de pensamento que, no século XIX, se notabilizou por estudiosos como Lewis Morgan e Edward Tylor, se tornando uma forte corrente de pensamento no meio sociológico:

Darcy, que havia sido aluno de Herbert Baldus (que embora alemão, praticava uma antropologia de cunho histórico e culturalista, aos moldes americanos), encontrara o seu campo de debate nessa junção do materialismo marxista com o culturalismo americano que tendia para explicações de ordem materialista (GOMES, 2000, p. 33).

Em sua obra, Ribeiro absorve essa matriz teórica a partir de dois aspectos principais: 1) considerando o desenvolvimento social a partir da perspectiva “etapista” e “faseológica”; 2) analisando as sociedades em nível estrutural e destacando a função que cada elemento cumpre na organização social¹⁰.

Darcy estabelece a ideia de um desenvolvimento histórico global. Assim como no Evolucionismo Sociocultural, ele defende o curso de um processo direcional tendencial coordenado por revoluções tecnológicas. A cada etapa do desenvolvimento da história humana, o nível tecnológico e técnico-científico determinaria a etapa, ou, como ele nomeava, “fases sociais”. A cada época do desenvolvimento humano, as sociedades adquirem formas específicas, se definindo por um conjunto de elementos identificáveis e passíveis de descrição. Isso fica nítido em seu livro, quando ele define as sociedades arcaicas como sendo aquelas que possuem “instituições do tabu do incesto e da exogamia, atuando como vinculadoras dos diversos grupos sociais”, contribuindo “para aglutiná-los em unidades tribais cooperativas ou, ao menos, não necessariamente hostis” (RIBEIRO, 2000, p. 40). Há, primeiramente, a descrição de elementos estruturais como o incesto; logo em seguida, a descrição de sua função no interior do grupo social referido. Ao considerar as sociedades arcaicas representadas pelas formas “tribais”¹¹, ele definiu uma das fases sociais ao longo do percurso histórico global. Essa seria, em sua concepção, a primeira etapa faseológica construída pelas pioneiras comunidades humanas. Essa etapa se converte na próxima, à medida que a “Revolução Agrícola” se consolida, criando novos meios de cultivo, plantio e criação de animais, mudanças essas que levaram a um intenso processo de sedentarização. Como consequência dessas transformações, Darcy aponta o surgimento das primeiras sociedades pastoris.

O importante a ser ressaltado, mais do que a descrição das fases, é que as transformações tecnológicas são as forças causais das modificações sociais, levando, por sua vez, a uma mudança de fase e avanço na linha evolutiva. Há, nesse raciocínio, o aspecto de uma progressão histórica, que constrói “um esquema explicativo de alto alcance, e de uma teoria da evolução das sociedades humanas” (MATTOS, 2007, p. 224). A intenção do antropólogo era a de criar um esquema de interpretação que, em nível de uma análise global, permitisse a compreensão das razões do atraso

10 Para nossa argumentação, importa mostrar como Darcy Ribeiro absorve o evolucionismo sociocultural em sua narrativa. Caso seja do interesse do leitor se aprofundar nos legados do evolucionismo para o pensamento social brasileiro, recomendamos a leitura de Gomes (2000), Bomeny (2001) e Vasconcellos (2015).

11 Terminologia utilizada por Darcy Ribeiro (2000).

e do subdesenvolvimento das nações latino-americanas. Darcy mostra que a principal razão para o atraso desses grupos humanos foi o contato dos povos originários com um polo mais avançado na escala evolutiva: os países ibéricos.

O antropólogo afirma a possibilidade de coexistência de sociedades em fases distintas na escala evolutiva, ou seja, poderia haver, em um mesmo momento no curso histórico, formas societárias arcaicas, como as etnias indígenas do continente encontrado pelos ibéricos, e formas societárias modernas, presentes no continente europeu, já no século XVI. À medida que polos evolutivos distintos se encontravam, caberia ao polo atrasado e menos desenvolvido tecnicamente se submeter à influência dos polos avançados. Isso foi uma forma, por exemplo, de sobrevivência das etnias indígenas americanas, pois, ao se submeterem à incorporação de “modos de vida” mais avançados, encontrariam possíveis espaços de sobrevivência e manifestação cultural de suas antigas formas de existência. O problema, aponta Darcy, é que essa dualidade criou discrepâncias acentuadas na formação latina, levando certos grupos a ocuparem camadas sociais mais baixas e outros a se consolidarem como uma elite autoritária. Como afirma Mattos:

Para Darcy Ribeiro, a América Latina era, *grosso modo*, o resultado não somente de dois mil anos de latinidade, como também cinco séculos de ocupação europeia. Graças a esta herança histórica, adquirimos, como continente, duas características peculiares: somos uma civilização velha, como as mais velhas de cujas culturas somos herdeiros, e etnicamente nova, como resultado do amálgama de povos “novos” (MATTOS, 2007, p. 238).

Os povos americanos são velhos, pois nossa matriz originária se baseava em formas arcaicas de existência, sendo essas as etnias indígenas, em suas mais diversas formas, habitantes desse território antes da chegada ibérica; porém, somos novos, porque nos formamos a partir da fusão da matriz indígena com o “português” e com o “africano”, sendo que os dois últimos aqui chegaram pelo viés colonial. As navegações oceânicas, iniciadas no final do século XV e início do século XVI, permitiram o encontro de sociedades em níveis evolutivos diversos. Os portugueses e espanhóis, com seus avanços técnicos desencadeados pela Revolução Mercantil, conseguiram garantir a conquista dos mares e criaram meios para constituir nas terras conquistadas uma “réplica” da vida europeia. Todavia, os povos que aqui habitavam ofereceram uma força de resistência à tentativa de imposição dos elementos culturais europeus. De toda forma, mesmo com essa força de resistência, os povos nativos do continente americano foram obrigados a se integrarem à forma civilizacional europeia; isso levou à criação de dois grupos: de um lado, uma classe dominante e autoritária; do outro, uma massa oprimida, que configurou “uma situação de perpetuação do *status quo* e manutenção do privilégio de poucos” (MATTOS, 2007, p. 241).

A interação entre duas etapas faseológicas distintas é identificada por Darcy como o motivo que levou as nações latinas ao atraso. Visto que, a partir da colonização ibérica, fomos condicionados a uma situação periférica, que, em nível de desenvolvimento social e econômico, se estendeu nas fases seguintes. Aquilo que, como aponta Ribeiro, começa com o atraso no capitalismo-mercantil, se estendeu até a fase industrial do século XIX.

A partir de uma interpretação evolucionista do desenvolvimento das sociedades humanas, Ribeiro identifica as razões do atraso latino-americano. Quando nossa formação se inicia, nos idos das navegações ibéricas no século XVI, um processo formativo e contraditório se iniciou, levando à formação da América Latina. Em síntese:

O projeto Europeu era o de enricar-se com a exploração de matérias-primas, gêneros alimentícios e metais preciosos. A sociedade do Novo Mundo não foi um produto desejado, e sim inesperado e inintencional. Povo. Sociedade. Nação. Nada disso foi mentalizado pelo europeu colonizador, interessado apenas em saquear as riquezas (VASCONCELLOS, 2015, p. 60).

A ação colonial levou à formação de uma sociedade com contradições estruturais em todos os níveis. Toda a formação latino-americana, seguindo o raciocínio de Darcy Ribeiro, foi marcada pelo atraso evolutivo graças à interrupção promovida pelo colonizador ibérico. A ganância colonial transformou o Novo Mundo em um fornecedor de riquezas para a Europa, condenando a América Latina ao atraso e à penúria; na expressão de Ribeiro, a colonização nos condenou a sermos uma “América Pobre” (VASCONCELLOS, 2015, p. 60).

Uma interpretação histórica: a formação das sociedades latino-americanas

O momento intelectual e as vivências de Darcy Ribeiro nos permitem compreender sua visão de mundo acerca do desenvolvimento das sociedades latino-americanas. Sobre esse conceito, seguimos Goldmann quando diz:

Os dados como tais dependem também da visão consciente ou implícita do investigador. Não há fatos brutos. Nenhum inquérito, nenhuma monografia é integral. *Apenas coloca certas questões à realidade e escolhe os fatos a luz dessas questões.* Ainda mais, na imagem em que constrói, a importância conferida aos diferentes fatos que aceita registrar é proporcional à que apresentam os problemas para o pesquisador ou investigador (GOLDMANN, 1978, p. 39).

Quando escreve sua obra *O Processo Civilizatório*, publicada pela primeira vez em 1968¹², ele propõe uma interpretação global do desenvolvimento das sociedades humanas, estabelecendo um

12 A obra é escrita quando Darcy já se encontrava em seu exílio. Em 1964, ele era um apoiador de João Goulart e Ministro-Chefe da Casa Civil, vendo-se obrigado a procurar refúgio em países vizinhos. A primeira parada foi o Uruguai, além de ter percorrido, ao longo da década de 70, países como Venezuela, Chile e Peru. O exílio é um período de extrema relevância para o pensamento de Darcy, pois, como ele mesmo afirma, possibilitou “a reconstrução de

quadro evolutivo das diversas formas sociais que existiram ao longo da história. Segundo Vasconcellos (2015), o projeto de Darcy proposto em *O Processo Civilizatório* era o de criar uma teoria explicativa, fundamentada no evolucionismo sociocultural, que combatesse a visão eurocêntrica e possibilitasse a reflexão teórica a partir do continente americano. Ou seja, o livro propunha uma “readequação” da teoria evolutiva das sociedades humanas, combatendo a perspectiva europeia de tornar-se o centro do desenvolvimento social e destino final de todo o processo histórico. Sobre isso, Vasconcellos aponta que:

O processo civilizatório é um livro que vê o mundo a partir da América, não reproduz a visão eurocêntrica e etnocêntrica dos autores clássicos das ciências sociais. O mundo ficou unificado a partir da descoberta da América, mas essa descoberta não é enfocada com lente europeia. A façanha para a Europa significou a tragédia para a América (VASCONCELLOS, 2015, p. 237).

Leitor de Friedrich Engels, Darcy assimilou, desde muito cedo, a necessidade de construção de uma teoria global do desenvolvimento das sociedades humanas. Assim como Engels, o antropólogo brasileiro aponta que a sequência evolutiva é coordenada pelo desenvolvimento e avanço tecnológico (VASCONCELLOS, 2015, p. 162). Centrado no fato de que a tecnologia é determinante para o processo evolutivo, as sociedades que se encontram em fases mais avançadas conseguiram dar um salto histórico rumo a uma nova etapa no desenvolvimento social e cultural. O processo de avanço tecnológico, que gera mudanças sociais é chamado por Ribeiro de Revolução Tecnológica:

Empregamos o conceito de revolução tecnológica para indicar que há certas transformações prodigiosas no equipamento de ação humana sobre a natureza, ou de ação bélica, correspondem alterações qualitativas em todo o modo de ser das sociedades, que nos obriga a tratá-las como categorias novas dentro *continuum* da evolução sociocultural (RIBEIRO, 2000, p. 20).

O núcleo central da teoria evolucionista de Ribeiro é o desenvolvimento tecnológico, que serve como motor para as transformações sociais. No caso em questão, as mudanças técnico-científicas ocorridas na Península Ibérica, no século XVI, permitiram que Portugal e Espanha conquistassem os mares e o Novo Mundo. A revolução tecnológica mercantil levou as nações ibéricas a um salto evolutivo que possibilitou, ao final, a conquista das colônias no continente

mim mesmo como intelectual” (RIBEIRO, 2014, p. 87). Isso, pois, a partir dessa ocasião, o antropólogo-historiador passou a ver o desenvolvimento social como um processo global, inserido em uma totalidade de desenvolvimento mercantil capitalista. Para mais, ver Ribeiro (2000; 2015a).

americano. Nasce, aqui, a cobiça pelo ouro e a prata e formação de um reduto colonial que serviu como fonte de riquezas à Metrópole.

Partindo de sua visão de mundo concernente ao atraso estrutural dos países latino-americanos, Ribeiro desenvolveu sua obra como um caminho para “servir de base aos nossos estudos sobre o processo de formação étnica e sobre os problemas de desenvolvimento com que se defrontam os povos americanos” (RIBEIRO, 2000, p. 2). Os países que eram fruto da colonização ibérica estavam sujeitos às contradições de um processo formativo iniciado com a constituição das primeiras colônias, que tinham como fim último prover meios para que a metrópole tivesse lucros e a Europa se expandisse, não sendo eles, portanto, independentes política e economicamente (PINTO, 2018, p. 154). A expansão colonial, iniciada pelas potências ibéricas, desencadeou um processo que remodelou todas as demais sociedades, principalmente aquelas que viriam a se formar no continente americano:

Nestas circunstâncias, os antagonismos que na Europa - e nas sociedades do tipo europeu transplantado para novos espaços- apenas limitaram as potencialidades da civilização industrial, submetendo-a a uma ordenação classista ou atrasando sua implantação, aqui conseguiram deformar todo o processo (RIBEIRO, 2016, p. 70).

O processo desencadeado a partir do encontro de matrizes culturais distintas provocou um desenvolvimento desigual e atrasado. Nota-se pelo trecho a tentativa de Ribeiro em propor uma explicação para o retrocesso ao qual esse espaço cultural foi submetido. Se partirmos de Goldmann, vemos que a escolha dos fatos feita pelo antropólogo converge para a tentativa de explicar a “configuração histórico-cultural extraeuropeia”, desvendando como fomos condenados a uma nova realidade social, marcada por suas feições arcaicas (RIBEIRO, 2016, p. 33). Sua visão de mundo se constituía na tentativa de ser uma “investigação concreta” (GOLDMANN, 1978, p. 88) sobre o passado latino-americano, como forma de desvendar o enigma do nosso subdesenvolvimento. Na sua tentativa de desvendar o “passado de nações que fracassaram na história” (RIBEIRO, 2000), Ribeiro construiu uma ciência que demonstra sua consciência possível (GOLDMANN, 1978, p. 36), ou seja, tenta compor uma explicação global que desse conta das razões do atraso da América Latina.

A compreensão do percurso histórico das “nações fracassadas” foi despertada pelos anos de exílio¹³:

O Uruguai, porém, foi para mim um exílio fecundo. Lá, nas longas horas que o exílio nos dava, estudei e escrevi muito. De fato, não tendo família que cuidar, nem velhos amigos que receber e visitar, nem obrigações sociais, tipo batizado ou casamento, nem mesmo ativismo político, a sobra de tempo era imensa, para espreguiçar e trabalhar (RIBEIRO, 2014, p. 111)

Além do Uruguai, a passagem por diversos outros países de colonização despertou em Darcy um sentimento de pertencimento comum de países de tradição ibérica. Durante o exílio, ele desenvolve o seguinte percurso: a partir das navegações ultramarinas, preconizadas por Portugal e Espanha no século XVI, os mais diversos grupos humanos caminharam para uma mudança estrutural marcada pela inserção destas no capitalismo mercantil. Darcy aponta para o fato de que o capitalismo nascente nos séculos XVI e XVII, caracterizado pela conquista territorial e avanço de tecnologias náuticas, foi um processo global de formação da modernidade.

À medida que o capitalismo mercantil se desenvolvia e consolidava até sua forma industrial, ocorria a formação de dois polos interativos. Um lado era marcado pelas potências europeias, formas sociais desenvolvidas, com domínio completo de tecnologias náuticas, agrícolas e governos centralizados em formas monárquicas. No outro, destacavam-se as formas sociais de uso coletivo da terra, agricultura de subsistência e relações de parentesco, ou seja, a típica forma tribal de vida dos povos originais¹⁴ encontrados pelos portugueses no século XVI. A interação entre os dois polos, notadamente discrepantes entre si, gera uma resposta social que leva o polo avançado e europeu a consolidar-se, posteriormente, na liderança econômica e social do capitalismo mercantil global; liderança, comenta o antropólogo, que persistiu pelos séculos subsequentes. O polo arcaico, caracterizado usualmente pelas etnias indígenas, submeteu-se ao controle das potências ibéricas e, mais adiante, de outros países¹⁵ de origem europeia:

Nessas circunstâncias, em lugar de progredir tecnológica e institucionalmente para formas maduramente capitalistas de produção e ordenação da sociedade, acentuaram-se nas áreas coloniais dos dois impérios mercantis salvacionistas, as

13 Um relato mais detalhado sobre o exílio de Darcy Ribeiro está contido em Bomeny (2001), Gomes (2001) e Mattos (2007). Como não é a intenção desse artigo detalhar um estudo sobre a época do exílio, sugerimos ao leitor mais interessado que consulte as referências mencionadas.

14 O termo “povos originais” é utilizado por Darcy Ribeiro como forma de designar as várias etnias indígenas que habitavam o território antes da chegada das nações ibéricas. Para mais, conferir Ribeiro (2000).

15 À medida que o capitalismo avançava em seu desenvolvimento, as potências que lideravam esse processo se modificaram ao longo do tempo. Cada fase é marcada por um conjunto de países que, na ponta dessas modificações, se tornam suas respectivas potências. Como exemplo, temos a Inglaterra que, no século XVIII, se tornou o símbolo do capitalismo industrial.

tendências despóticas e, em suas áreas metropolitanas [...] (RIBEIRO, 2000, p. 116).

As nações europeias, pioneiras no capitalismo mercantil, forçaram as demais formas sociais a se submeterem ao seu domínio; isso, aponta o autor, por meio do processo intitulado de “atualização histórica”. Por esse conceito, Darcy buscou descrever os procedimentos pelos quais os povos atrasados viram-se obrigados a aderir as estruturas europeias “modernas”. Tudo isso realizado como uma forma de garantir sua sobrevivência dos povos aborígenes diante das imposições dos europeus, que se encontravam mais avançados na escala evolutiva:

Essa posição evolutiva mais alta não representava, obviamente, uma ascensão das sociedades indígenas originais da sua condição tribal a uma civilização urbana e estratificada. Era uma simples projeção dos avanços civilizatórios alcançados pelos europeus, ao saírem da Idade Média, sobre os remanescentes da formação aborígene precedente e dos negros aliciados na África como força de trabalho escravo (RIBEIRO, 2015c, p. 56).

À medida que essas estruturas se incorporavam, discrepâncias se formavam. Nota-se que, no processo de atualização histórica, em vez de criar nações autônomas e desenvolvidas, surgem nações periféricas com profundas deformações condenadas ao atraso e à penúria (RIBEIRO, 2000, p. 137).

Ao oferecer seu conceito de “atualização histórica”, ele está propondo uma interpretação que busque no passado os elementos explicativos de uma situação no tempo presente. Darcy, entre os anos de 1960 e 1970, estava se debruçando sobre a seguinte pergunta: por que nós, latino-americanos, somos nações atrasadas e periféricas? A pergunta despertada nos tempos de exílio encontra sua resposta nas raízes formativas da colonização ibérica:

As nações subindustrializadas do mundo moderno não são, como se vê, sobrevivência de si mesmas ou retratos contemporâneos das condições pretéritas das nações desenvolvidas. São, isto sim, o resultado de um processo de atualização histórica que sobre elas atua espoliativamente para tornar possível o desenvolvimento acelerado de outras áreas (RIBEIRO, 2000, p. 140).

A situação periférica das nações latino-americanas se explica em seu desenvolvimento histórico. Desde a época colonial, as nações americanas¹⁶ viram-se submetidas a interagir com um

16 Expressão utilizada por Ribeiro (2000). Nota-se que os Estados Unidos fazem parte, geograficamente, do continente americano. No livro, essa região também é contemplada pela análise global do antropólogo. Contudo, o estudo dessa região não atende diretamente nossa perspectiva.

polo mais avançado no desenvolvimento histórico¹⁷, transformando-se em zonas periféricas, ou, como afirma Pinto, “experimento da civilização europeia” (2018, p. 165). A partir dessa articulação histórica, Darcy cria, no sentido proposto por Goldmann (1978, p. 87), uma esquematização mental que busca explicar um fenômeno da realidade. A busca pela compreensão do atraso da América Latina é a consciência da realidade que norteia todo o projeto de escrita do livro *O Processo Civilizatório*. A consciência é o processo de percepção das contradições que a realidade oferece, criando, a partir dos elementos percebidos, uma interpretação – na sociologia *goldmanniana*, podemos entender “interpretação” como “visão” – do mundo que cerca o pensador. Nas palavras de Goldmann:

O conhecimento que um ser tem de si mesmo não é a ciência mas consciência. Não há uma sociologia conservadora e uma sociologia dialética, mas uma consciência de classe, burguesa ou proletária, exprimindo-se no plano da descrição ou da explicação de fatos humanos (GOLDMANN, 1978, p. 36).

O intelectual maneja elementos da realidade e, através desse processo de explicação dos fatos, expressa uma visão de mundo. No caso de Darcy, sua consciência procura expressar os motivos da criação de uma ordem social que impediu o desenvolvimento autônomo das civilizações latino-americanas.

Darcy cumpriu o papel do intelectual que constrói uma visão de mundo. O intelectual goldmanniano entende que “Explicar um fenômeno é explicar a sua gênese, a partir de uma funcionalidade em via de vir a ser, a partir de um sujeito” (GOLDMANN, 1972, p. 98). O fenômeno explicado por nosso antropólogo é a acentuada desigualdade enfrentada pelos países latino-americanos. Como a sociologia goldmanniana sugere, ele retorna à gênese desse fato, retrocedendo até os tempos coloniais. Darcy identificou, no século XVI, um processo contingencial que condenou as nações latino-americanas e, obviamente, o Brasil, a uma ampla desigualdade social e ao atraso socioeconômico do capitalismo mercantil, o que se estendeu até sua forma industrial. A partir dessa interpretação, o antropólogo não só oferece um quadro de compreensão, mas propõe uma atuação efetiva e, como dizia Goldmann, um plano de ação em dada estrutura social (GOLDMANN, 1978, p. 99).

17 Aqui fica evidente a relação de Darcy Ribeiro com as teorias evolucionistas do século XIX. Na introdução do livro *O Processo Civilizatório*, ele estabelece, claramente, o uso de concepções teóricas retiradas do evolucionismo sociocultural. Como a extensão desse trabalho não torna possível adentrarmos a discussão desse tema, sugerimos a leitura de Mattos (2007).

Essa solução passaria pela consolidação de um Estado forte e com um corpo de funcionários tecnicamente capacitados, buscando, como resultado final, a superação da “velha ordenação social”, diga-se, patriarcal e latifundiária (RIBEIRO, 2015b, p. 124). Um Estado que, efetivamente, combatesse as tensões sociais internas, superando as contradições elementares do processo formativo que remete à época do colonialismo. A solução darcyniana passaria por um reformismo de cunho estatal. Podemos expressar esse reformismo nos seguintes termos:

O que se pretendia era uma reforma estrutural de caráter capitalista. Elas foram vistas, porém, como revolucionárias em razão do caráter retrógrado do capitalismo dependente que se implantou no Brasil sob a regência de descendentes de senhores de escravos e de testas de ferro de interesse estrangeiro (RIBEIRO, 2014, p. 58).

Ribeiro defende a ação estatal para superar as contradições criadas pelo processo histórico que formou a América Latina, combatendo o subdesenvolvimento “autoperpetuante” que aqui se instaurou (VASCONCELLOS, 2015). A primeira expressão de um governo que demonstrou capacidade de superar as contradições inerentes no nosso processo formativo foi o de João Goulart.

Por meio das Reformas de Base, sendo Ribeiro um de seus idealizadores, Goulart deu força ao povo e assustou a elite latifundiária, dando início a medidas que buscaram superar as típicas estruturas de poder¹⁸ que vinham se conformando desde o passado colonial. A posição política janguista, da qual Darcy foi um dos seus principais políticos e ideólogos (RIBEIRO, 2014, p. 45), era a de tentar superar o atraso nacional e a dependência de países estrangeiros por meio de um reformismo tão profundo que “fez com que ele passasse a ser percebido como revolucionário, provocando, assim, uma contrarrevolução preventiva” (RIBEIRO, 2014, p. 59). O projeto político de João Goulart expressava um caminho para o Brasil que atendia parte dos anseios de transformação que carregava Darcy Ribeiro. A tradição trabalhista do governo Jango, herdada de Getúlio Vargas, pensava o país em termos de um nacionalismo que reivindicava a independência brasileira das mãos de potências estrangeiras, permitindo uma “aceleração evolutiva” rumo à superação das contradições sociais (VASCONCELLOS, 2015, p. 117).

18 Por estruturas de poder, Ribeiro concentra sua crítica em duas delas. A primeira seria o latifúndio, que desde a colonização permitiu a construção de uma elite parasitária que expropriou a força de trabalho de índios e escravos carregados da África. A segunda estrutura de poder é a escravidão, que construiu uma massa de marginalizados não integrados à vida nacional. Para mais, ver Vasconcellos (2015).

Contudo, a experiência vivida no exílio provocou uma mudança importante na sua concepção política. A derrubada de João Goulart, em 1964, levou Darcy a viver em diversos países latino-americanos. Em suas viagens o encontro mais marcante foi o travado com Salvador Allende, que despertou uma forte admiração no antropólogo brasileiro. Em 1971, Allende o convida para se tornar assessor do presidente do governo socialista da Unidade Popular. A convivência com o líder chileno chamou a atenção de Darcy para o fato de que o reformismo talvez não tivesse a força necessária para promover mudanças estruturais contundentes. Nota-se que:

Por mais que acreditasse que só a revolução pudesse consertar a América Latina, Darcy queria mesmo é que as mudanças se dessem pela reforma, com o acordo negociado entre as partes e com a ascensão da classe trabalhadora. Essa mudança não chegou a se realizar no Chile e o motivo foi a incapacidade das esquerdas de entender o momento histórico que se vivia e se unir em torno de Allende (GOMES, 2000, p. 104).

A experiência chilena serviu para mostrar que o reformismo era incapaz de promover as transformações necessárias. Aqui, seguindo as linhas de Bomeny (2001) e Vasconcellos (2015), podemos perceber uma definição política diferente daquela sustentada ao longo do governo Jango. Ao retornar para o Brasil, ao término de seu exílio, Darcy torna-se um “socialista moreno”. Inspirado em Simón Bolívar e na formação da Pátria Grande (RIBEIRO, 2010, p. 37), Ribeiro defendeu, em seu retorno para o Brasil, a formação de um governo socialista-democrático que fosse capaz de garantir a união latino-americana, em prol da superação do subdesenvolvimento e da dependência de nações estrangeiras. A possibilidade de um governo socialista é vislumbrada por Ribeiro na perspectiva política de Leonel Brizola:

Para Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, não havia outra maneira de atingir o desenvolvimento social e econômico a não ser como transformação socialista. O “socialismo moreno” exigia como pré-condição a ajuda e a solidariedade de outros países latino-americanos [...] (VASCONCELLOS, 2015, p. 56).

Só uma perspectiva socialista poderia imprimir uma mudança concreta na realidade social latino-americana. Além do Chile, a passagem pela Venezuela permitiu a Darcy a absorção da imagem de Simón Bolívar como uma referência revolucionária para a união latino-americana (VASCONCELLOS, 2015, p. 51).

Conclusão

Esse artigo, dentro de seus limites teóricos e espaciais, tentou discutir a visão de mundo desenvolvida por Darcy Ribeiro sobre a América Latina. Seu livro, *O Processo Civilizatório*, se estrutura como uma tentativa do antropólogo de compor uma explicação em torno do atraso

estrutural que marcou a trajetória histórica da América Latina. Para essa empreitada, Darcy parte de uma perspectiva evolucionista, mas que busca uma reelaboração teórica para a superação do eurocentrismo que marcou o campo das discussões sociológicas no século XIX.

A partir da incorporação do evolucionismo sociocultural, Darcy chega à seguinte síntese: o atraso latino-americano é fruto do encontro entre um polo arcaico, vivenciado pelas etnias indígenas que habitavam o continente, com um polo avançado, apresentado pelas nações ibéricas. O contato entre essas formas sociais distintas, provocadas pelo movimento expansionista das grandes navegações, levou à composição de intensas discrepâncias e contradições, já perceptíveis no decorrer do século XVI. A essa altura, Ribeiro localiza o início do percurso que nos legou o subdesenvolvimento.

Percebemos em Darcy Ribeiro a constituição de uma visão de mundo no sentido proposto por Goldman. O antropólogo criou uma consciência interpretativa da realidade que girava em torno das discrepâncias sociais e econômicas por ele vivenciada no século XX. A pergunta a ser respondida, e que orientou todo o projeto teórico sustentado no livro *O Processo Civilizatório*, é, como levantado por Vasconcellos (2015), indicar o que levou a América Latina a essa situação marginal no capitalismo industrial e ao subdesenvolvimento econômico e social. A resposta dada por Ribeiro parte do princípio de que as sociedades humanas percorrem um processo evolutivo que tem seu motor no desenvolvimento tecnológico.

Por fim, gostaríamos de esclarecer que as ideias de Darcy Ribeiro ainda merecem uma discussão mais ampla. Além de seu estudo acerca da América Latina, suas teses sobre o Brasil e a brasilidade, Darcy ainda tem muito a oferecer nas discussões históricas e antropológicas. Revisar seus textos é se deparar com uma riqueza teórica que muito tem a nos ensinar, mesmo que, em certos aspectos, algumas de suas análises podem ser mostrar equivocadas. Sem incorrer no erro de um “presentismo”, é necessário analisar as ideias em seu contexto de formação e, também, apresentar as críticas.

Referências Bibliográficas:

BELLUCCO, Hugo. A.L. **Ciências sociais e pensamento político: o grupo USP e a frente democrática a partir dos semanários Opinião e Movimento (1972-1981)**. Tese (doutorado em História). Niterói, UFF, 2015.

BOMENY, Helena. **Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

GOLDMANN, L. **A Criação Cultural na Sociedade Moderna: por uma Sociologia da Totalidade**. São Paulo: Editora Difusão Europeia do Livro, 1972.

- _____. **Ciências Humanas e Filosofia: que é Sociologia?** Rio de Janeiro: Editora Difel, 1978.
- GOMES, Mércio. P. **Darcy Ribeiro.** São Paulo: Editora Ícone, 2000.
- JACOBY, R. **Os últimos intelectuais: a cultura americana na era da academia.** São Paulo: Trajetória Cultural: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- MATOS, A.L.L.B. **Darcy Ribeiro: uma trajetória (1944-1982).** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas, UNICAMP, 2007.
- MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PINTO, F.B.B. **Darcy Ribeiro e os estudos pós-coloniais: aproximações e afastamentos.** Revista Em Tese, Florianópolis-SC, v.15, n. 1 (parte II). p. 152-169, 2018.
- RIBEIRO, Darcy. **A América Latina existe?** Brasília: Editora UNB, 2010.
- _____. **Confissões.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **Ensaio Insólito.** São Paulo: Global Editora, 2015a.
- _____. **O Brasil como Problema.** São Paulo: Global Editora, 2015b.
- _____. **O Povo Brasileiro.** São Paulo: Global Editora, 2015c.
- _____. **O Processo Civilizatório.** São Paulo: Companhia das Letras; Publifolha, 2000.
- _____. **Tempos de Turbilhão: Relatos do Golpe de 64.** São Paulo: Global Editora, 2014.
- VASCOCELLOS, Gilberto. F. **Darcy Ribeiro: a razão iracunda.** Florianópolis, Editora UFSC, 2015.